



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA



**M A R I A B R A N C O**

DESENHOS DE A. CASTANÉ



### A' BEIRA MAR

Calmaria. Sómente leve brisa, rés-vés, ao quedar da vaga.

João-Manuel, com três metros de prala, construiu o seu palácio encantado.

O grande morro de areia, sustenta, em seu planalto, o castelo altaneiro.

Estradas em espiral torneiam o monte.

Automóv's, carroças e «side-cars» de lata; cavalos, bois, carneiros e burros de louça das Caldas, e mesmo alguns bonecos de celoloide, alinham-se, aqui e além, pelos caminhos debruados com pequeninos troncos de pinhais.

As cinco amiguinhas e os três primos de João-Manuel, sorriem satisfeitos...

Pudéra!  
Meia colónia infantil, acorrera, gulosa, a gosar da maravilha.

Na encosta do Norte, João-Manuel preparara as grandes massas florestais.

Tamargueiras e troviscos empoleiravam-se, orgulhosos, quais soldadinhos em dia de grande-parada.

Trabalham agora, em arranjar o belo lago, onde possam vogar as traineiras de duas polegadas, e bolar meia-dúzia de vaporzinhos de cartão...



### NOS PINHAIS

Luisinha, Angela, Mitó e a Albertina, a linda, de soberbos caracois negros e olhos verde-esmeralda, percorrem, alegremente, o pinhal.

(Continua na página 3)



# A MENINA BONDOSA

Por CARLOS N. FIGUEIREDO

Desenhos de A. CASTANÉ

**E**RA uma vez uma menina muito rica e muito bela que se chamava Luísa e cujos cabelos, loiros como o sol, causavam gosto ver.

Sua boquinha rosada, ao entreabrir-se num ligeiro sorriso, deixava ver uns dentes muito alvos, direitos e alinhados. A sua alminha, porém, é que era feia, ou antes mázinha como a de um diabinho pequeno.

Certo dia, foi convidada a assistir ao aniversário duma sua amiga, a cuja mesa compareceram, também, muitas meninas ricas, que envergavam seus vestidinhos de gala.

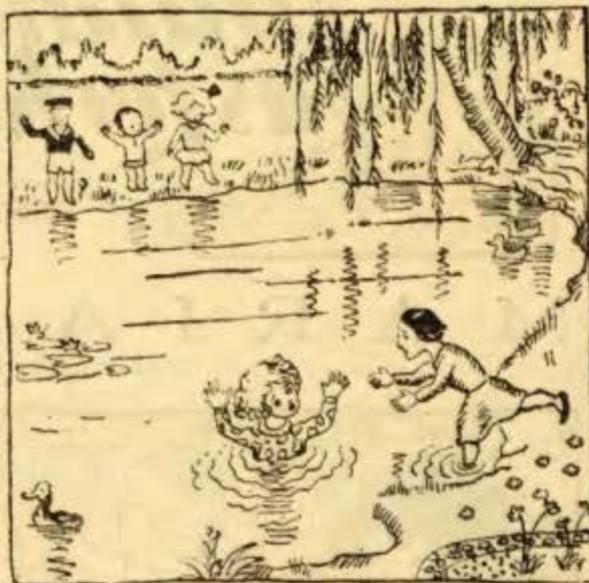
Mal terminou o jantar, enquanto os papás de Luísinha se entretinham a conversar, ergueram-se e foram passear para o jardim.

Então, àquele grupo chilreante e encantador, veio juntar-se, embora bastante tímida e acanhada, a filha do jardineiro, uma menina imensamente bondosa, de negros cabelos e de rosto moreno.



Tentando brincar, também, com as outras que, em loucas correrias, percorriam o parque de árvores seculares, achou-se, de repente, junto de Luizita, a menina maldosa, que, ao vê-la tão mal vestida, logo exclamou com soberba.

— « Não tens vergonha, descarada, atrevida,



de vires, com esse vestido andrajoso, juntar-te a nós que usamos sedas e brocados? Sai já daqui, miserável; vai juntar-te aos pobres da tua igualha!» E, em atitude orgulhosa, repeliu-a indignada.

Mariazita, a filha do pobre jardineiro, desatou a chorar e, afastando-se lentamente, foi sentar-se à beira do lago que havia ao centro do parque.

Dentro em pouco vieram, também, todas para a margem oposta àquela onde ela se encontrava, agora contemplando, com olhos cobiçosos, aquelas estouvadas que, pelo simples facto de serem ricas eram mais felizes do que ela. Nisto, súbitamente, ouviu-se um grito de angústia: — Luizita, ao passar junto do lago, desequilibrara-se e caíra.

Então, heróicamente, Mariazita lançou-se à água e conseguiu salvar, com risco da própria vida, aquela que, momentos antes, se mostrara sua inimiga.

Quando, porém, Luizita voltou a si e teve conhecimento da sua bela acção, arrependeu-se do procedimento que tivera para com ela e, abraçada à sua arrojada salvadora, prometeu a si própria nunca mais ter repugnância pelos pobres.

# MARINHEIRO DE ÁGUA DOCE

P O R  
AUGUSTO DE SANTA RITA

**G**UILAS, que já raras vezes,  
ao papar, seu fato suja,  
estrou, aos vinte meses,  
um lindo fato à maruja.

O figurão,  
desde então,  
só quer' que todos o tomem  
por um homem;  
tem razão!

Tem razão, razão em barda,  
muita razão, sim senhor,  
pois diz em ar sup'rior,  
na fala que inda lhe tarda:

—Se eu já envergo uma farda,  
é porque já sou maior!»

Há dias, assim vestido,  
ao dar com Sua Excelência  
o Ministro da Marinha,  
em posição de sentido,  
com aprumo e toda a linha,  
logo fez a continência.



E a mãe teve que ralhar-lhe  
porque éle, ha dias, zangou-se  
ao ouvir alguém chamar-lhe:  
— *Marinheiro d'água doce!*

■ F I M ■

## DURANTE AS FERIAS

(Continuação da página 1)

Em seus bibes trazem os mantimentos para a ambientada construção. Querem organizar a sua casa, confortável e artística com aquele anseio de Beleza que a alma sonha e requiere.

Empedram-se os muros, dividindo a habitação. Quartos, casa de banho, escritório, salas de jantar e de estudo, dependências e cozinha. As camas arranjam-se com pedras rectangulares que as chuvadas do inverno, tenham alisado e branqueado. Almofadões e «redondos» serão habilmente confeccionados com musgos sedosos. Cadeiras far-se-hão de pinhas abertas. Da casca dos pinheiros, talhar-se-hão, a canivete, mexas, armários e mesmo a banheira e os lavatórios.

Troncozinhos ócos, darão gentilissimas jarrinhas... E flôres? Lindas espontâneas e humildes, brotam por todos os lados entre fetos e cardos.

Penas azuladas, de simétricos li a negro, que bandos

de gaios perdem em seus vôos, servirão para fôfos tapetes e tamboretas.

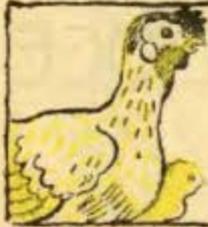
Não faltará, também, o ensaibrado etennisa, em que as agulhas dos pinheiros cruzadas, sirvam de rede.

E o jardim?! Pedrinhas rosadas, amarelas e azuis não-ça chegar para os canteiros de losangulos e triangulos, e os macissos de mosaicos, vão ficar uma maravilha com os tufos dos alqueirões e das orquídeas selvagens...

*Quem pensa agora nas horas do estudo? Nos complicados problemas, nos difíceis exercícos gramaticais, nas, por vezes, fastidiosas redacções e na Bê-A-Bê dos meninos mais pequeninos?!*

Agosto, 1932.

■ F I M ■



# O DOURADINHO



## CONTO EM VERSO À LAIA DE PROSA

■ POR AUGUSTO DE SANTA RITA ■

Desenhos de A. CASTANÉ

**D**OURADINHO, pintainho amarelinho, era bastante mauzinho. Em certa linda manhã, a-lim-de percorrer mundo, abandonou a Mamã, no que provou ter mau fundo.

la já a meia légua da sua casa na Régua, quando ele viu uma égua pastando numa planície. Mal a viu, logo lhe disse: — «Sinto-me muito cansado, deixa-me ir em ti montado, nem que seja meia hora!»

— «Mas onde queres tu ir?!...» perguntou-lhe ela, a sorrir.

— «Quero ir por aí fora, sem destino ao Deus dará!».

Responde-lhe ela: — «Então monta; mas, olha lá, toma conta, que só te levo acolá!» E apontou-lhe um ribeirinho, onde nadava um patinho, de mansinho, num ripanço; por sinal um pato ganso.

— «Está bem, muito obrigado!» disse o nosso Douradinho. É ei-lo agora, já montado, a caminho do ribeiro, como qualquer cavaleiro.

Entretanto, todavia, assim que ele lá chegou, deveras se atrapalhou: — quiz descer e não podia, quem diria, que arrelia!...

A égua, que era manhosa, como uma astuta ra-

posa, ria, ria, ria, ria! Não achando outro recurso, muito furo, deu um pulo; mas, ai, fez figura de urso, pois o nosso Douradinho, caíndo no ribeirinho onde não havia barco, foi ao charco: — *catrapús!*...

— «Ai Jesus!...» gritava ele, todo num pinto, encharcado, — coitado! —

— «Não lhe qu'ria estar na pele!» a égua, logo, exclamou. Pudera! Pois pinto era, todo num pinto ficou!

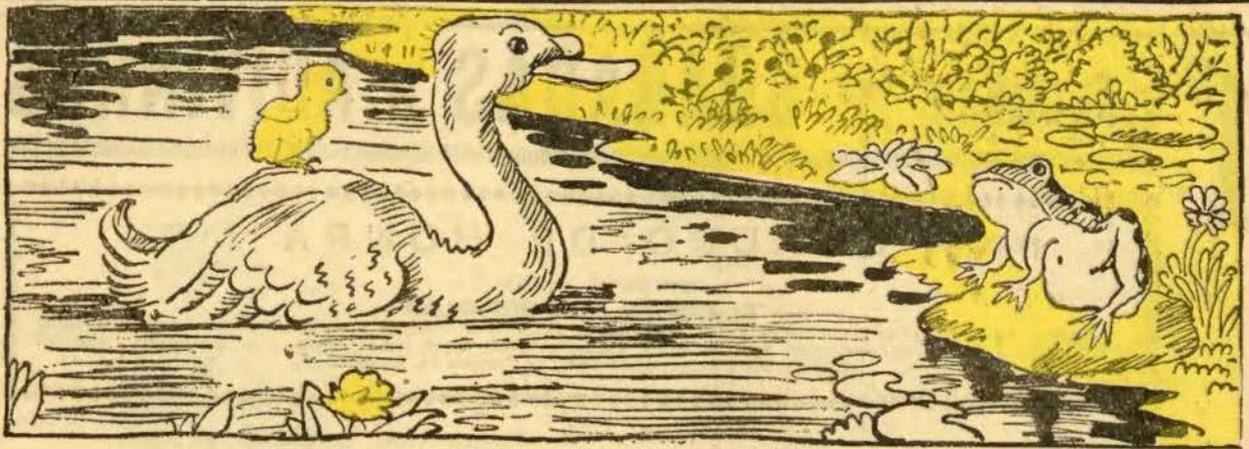
Então, ao ver-se na água e não sabendo nadar, pôs-se a chorar e, com mágoa, implorou ao pato ganso, que, em seu ripanço, vogava, muito lento e muito manso: — «Patinho ganso, socorro! Se não me acodes, eu morro! Deixa-me ir em ti montado até àquele valado que fica do outro lado!...»

Com pena dele, o patinho, dando um jeitinho ao corpinho, logo em cima o colocou e, cortando a leve

aragem, logo, para a outra margem, o Douradinho levou.

Chegado lá, Douradinho, que, por ser tão espartinho, segue sempre e não se perde, encontra um sapinho verde, em cima dum lindo seixo. Vendo-o, assim, agachadinho, muito espetadinho o





queixo, cuidou, logo, o Douradinho que qu'ria jogar o eixo. E ao vê-lo em tal posição, pôs-se a saltar e a gritar, com grande satisfação:

— «Eixo, eixo, ribaldeixo, quem me tira a pã do eixo?!...»

Contudo, Sapo Sapudo não gostou da brincadeira e atirou um tal mergulho para dentro da ribeira, fazendo, com seu bandulho, nas águas tanto barulho, que o Douradinho — (coitado) — se assustou de tal maneira que, de sentidos perdidos, logo caiu para o lado.

Mas tais borrifos — (pudera!) — de água fria êle apanhou, que logo recuperou os sentidos que perdera.

Maldizendo a sua sorte, pôs-se de novo, a caminho, a fingir-se muito forte, nosso débil Douradinho.

Foi andando, foi seguindo, até que viu, muito perto, ao pé dum certo olivedo, um burrinho muito lindo, muito ledo e muito esperto.

A-pesar-de um pouco a medo, Douradinho aproximou-se e diz-lhe, quási em segredo, muito baixo e muito doce:

— «Boas tardes, senhor Burro. Como passa Voce-lência?!...» Diz-lhe, então, êste, num zurro, com singular estridência e em ar bastante casmurro:

— «Estou bem, muito obrigado. Que é que de mim desejais?!»

— «E' que estou muito cansado e já não posso andar mais!» respondeu-lhe o Douradinho, acrescentando em seguida: — «Deixa-me ir em ti montado, nem que seja um momentinho, até àquela descida, onde começa o caminho que vai ter ao povoado.

— «Pois não» respondeu amável e com modo muito afável a tão delicado rogo, mestre jumento que, logo, agachando-se no chão, deu azo a que êle subisse para cima do seu lombo, evitando que caísse, pois seria grande o tombo.

Mas, logo, após dizer: — *upa!*... e se encontrar na garupa, muito alto, muito alto; teve um grande sobressalto, pois o burro, por marosca, porque lhe mordesse a mosca ou fôsse pelo que fôsse, atirou tamanho couce que o Douradinho assustou-se, na iminência de ir ao chão e de dar um

trambolhão que podia ser fatal. Sentindo o seu coração a bater com fúria tal, no seu pequenino seio, Douradinho com receio duma queda desastrosa, decidiu, logo, esta cousa: — atirar-se para o chão, mesmo com o burro a trote, como êle já ia, então, como se lhe houvessem dado com a ponta dum chicote. Mas foi tal o trambolhão que o Douradinho apanhou, como era de calcular, que até coxinho ficou e já mal podia andar.

Por fim, muito arrependido de ter desobedecido à sua bôa Mãezinha que era uma bela galinha, pois vinte pintos chocara, e saudoso da ninhada que lá na terra deixara, resolveu o Douradinho retroceder seu caminho e outra vez voltar à Régua que ficava a meia a légua para lá do ribeirinho.

! Mas como se estava côxo e tinha o corpo já roxo de tantas quedas que dera?!... Nisto estava a cogitar quando, de repente, ouviu o *cô-rô-cô-piu-piu* duma formosa galinha que vinha a cacarejar!

— «Meninos, sabem quem era?!»

Era a extremosa Mãezinha que farta de o procurar — (quem diria, ai quem diria?! — o encontrara, finalmente, e, a-pesar-de extenuada pela grande caminhada, mostrava imensa alegria por ter achado o filhinho que, mesmo côxo e doente, dava pulos de contente, completamente doidinho!

Pondo-o debaixo da asa, bastante aconchegadinho, pôs-se, de novo, a caminho e levou-o para casa, depois de haver, com cuidado e delicado jeitinho, novamente atravessado, corajosamente a nado, o arriscado ribeirinho!



Não há nada, neste mundo,  
— (meus meninos, notem bem,) —  
tão grande, belo e profundo,  
como o lindo Amor de Mãe!

# 1º CONCURSO de CHARADAS e ADIVINHAS

## QUADRO DE HONRA

VENCEDORES EM TODAS:

### EL-GORDO — ZÉ-QUITOLAS

Erraram apenas no dorso do bicho N.º 9: — Vencedor, Brinçalhão — Nuno Joyce, H. Moniz e José Hespanha José Filipe J. Romero Zécalculos, Ego, D. João, Laranja azeda, Maçã verde, Rosa velha, Don Fafe, Leão das Selvas, Gafanhoto, Uma féra, D. Toneca D. Manecas.

#### Meus amiguinhos:

Respondendo às cartas que, sobre colaboração nesta secção, me tem sido dirigidas, venho informá-los do seguinte:

1.º — Todos podem colaborar sem excepção desde que a colaboração seja original, isto é, não copiada. Sujeitam-se, claro está, à apreciação dos seus trabalhos pela Direcção deste Suplemento.

2.º — Toda a colaboração enviada, deve vir em papéis separados das cartas, escritos de um só lado, trazendo cada papel o nome ou pseudónimo do autor.

Cá fica portanto esperando a vossa colaboração o velho amigo.

TIO TÓNIO

P. S. — Não se esqueçam de que as soluções da II série devem estar em nosso poder até ao próximo dia 8 de Setembro.

### III Série

#### CHARADAS EM FRASE

1.º — Procurando *agor* um homem encontrei um animal. 1 — 2.

Zé

2.º — Esta *mistura* é *ruja* como compressa. 2 — 2.

Ligadura

XXX

3.º — Estava no *leito* doente de um *orgão* por vir do teatro.

H. Moniz

#### CHARADAS AUMENTATIVAS

4.º — Este *desporto* está no *mar*. 2.

5.º — Uma dama *piadosa* tinha este *jogo*. 2.

H. Moniz

#### 6.º — PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais — 1 — Líquido incolor, rosto.

2 — Afirmação, letra de *mal*, ponto cardinal.

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1	A	G	U	A		P	A	R
2	S	I	M			S	U	L
3	I	Z		C		M		A
4	A		M	O	R	A	R	O
5		P	E	S		R	T	A
6	I		L	E	A			L
7	N	O		R	V	E		P
8	A	V	O		E		M	L
9	N	O	V	O		S	A	T

A. Bugalho

5 — Letras de giz, Personagem bíblica em *inglês*.

4 — Artigo habituar, artigo.

5 — Substância pegajosa, troçava.

6 — Vogal, vagaroso, letra de *la*.

7 — Pedra de moínho, rua em francês, caule.

8 — Parente, vogal, extremidade do braço.

9 — Recente, retire-se.

Verticais — 1 — Parte do mundo, ferro que atrai.

2 — Gesso, letra de *pé*, óvulo.

3 — Artigo indefenido, doce, duas letras de *ovo*.

4 — Artigo, ferver, artigo.

5 — Lagariça, despida em francês.

6 — Letra de *ca*, planeta, letra de só

7 — Artigo plural, troço, detestável.

8 — Via, artigo, parente.

9 — Cimo, fêmea de fera.

#### CHARADAS COMBINADAS

7.º — + ta = buxa

+ ta = selva

+ ta = caminho

+ ta = chucha

8.º — + lo = calosidade

+ lo = rio

+ lo = vigio

+ lo = possui-lo

Conceito: — compartimento

Conceito: — objecto corrente

*cahinete*

9.º — ADIVINHA

Sem mim não pode haver Deus,  
Papa sim, Cardinal não.

• O Bispo pode ser Bispo  
Mas não pode ser Deão

O homem que ri

10.º — PROVÉRPIO A ADIVINHAR



Adivinhar o provérbio que se encontra escondido por estes borrões.

As soluções destes problemas, que estarão em nosso poder até às 18 horas do dia 10 de Setembro (sábado), devem ser dirigidas a

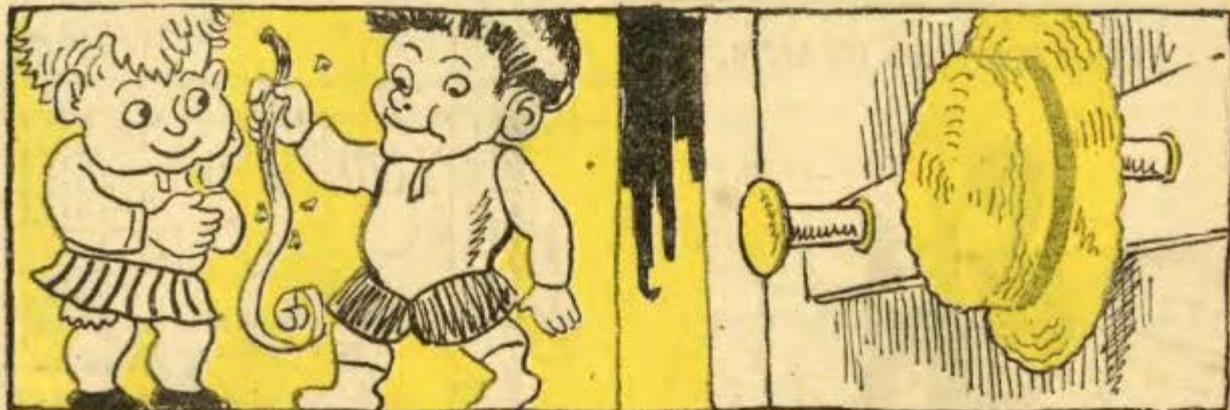
Tio Tónio

Rua do Seculo, 43

LISBOA

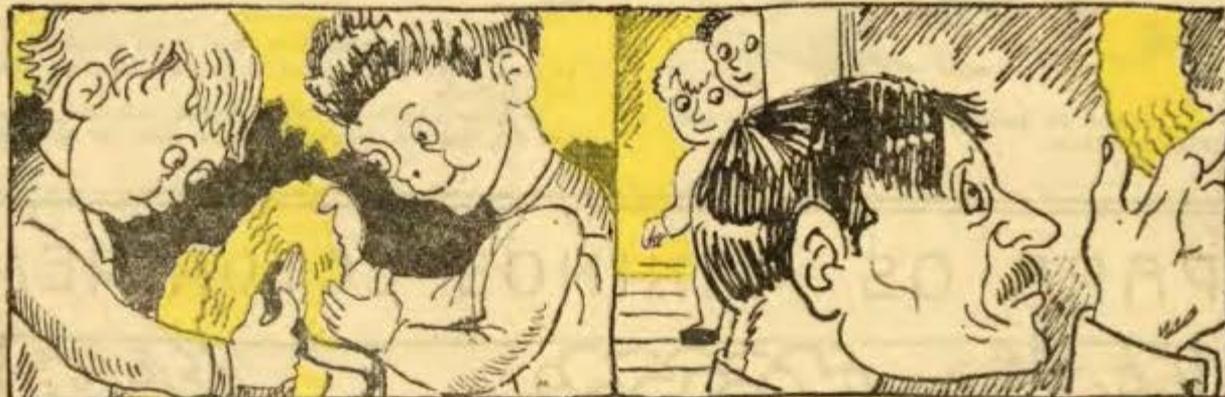


# UMA PARTIDA DE TRUS...



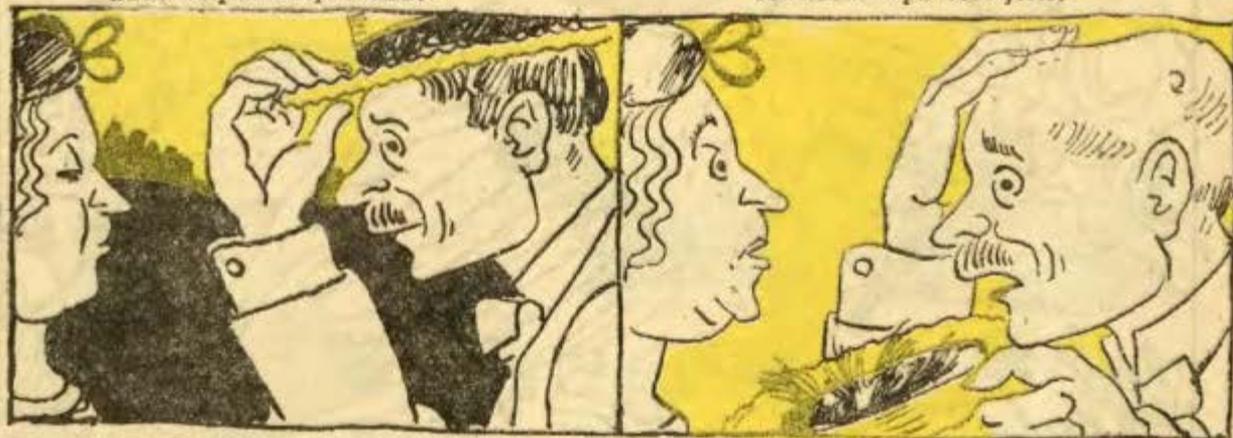
I — Os filhos da dona Guida,  
muito hábeis em maroscas,  
pois são de raça atrevida,  
com o *papel mata-moscas*  
preparam grossa partida.

II — Vendo a miúda canalha,  
pendurado num cabide,  
um belo chapéu de palha  
côr de casca de pevide,  
diz um deles: — «isto calha!...»



III — E ao fórrro logo ajustando  
o peganhento papel,  
põem-se os dois aguardando  
a vinda do dono dele,  
atrás da porta espreitando.

IV — Ei-lo que surge: — um sujeito  
que era amigo do papá!  
Ao cabide vai direito...  
e, tirando o panamá,  
seu chinó tapa com jeito.



V — Já à porta, ao retirar,  
torna a tirar o chapéu,  
a-fim-de cumprimentar  
a sogra do amigo seu,  
que vinha de passear.

VI — Nisto, ao ver-lhe a alva careca  
sem um pêlo, tão lisinha,  
diz, pasmada, a dona Zeca:  
— «Coitado, tem tido tinha?!»...  
E volve êle: — «O' com a breca!»

VII — Explicando à ilustre avó  
dos réus de crime tamanho:  
— «Eu não tinha tinha; só  
o que tinha e já não tenho  
era um excelente chinó!...»